

Em tempos como os atuais, de grandes desafios e incertezas; de enorme luto – aliás, um luto subtraído ou mal elaborado – pelas muitíssimas vidas perdidas na epidemia, no Brasil e no mundo; de grave pessimismo diante do horizonte apresentado pela política e do sequestro da vida em comum pela imposição acachapante da virtualidade; em tempos de crise, enfim, sabemos que é preciso um reforço de crítica, assim como é fundamental um esforço de criação. Há uma síntese emblemática para essa dialética de distanciamento e aderência, lapidada há mais de oitenta anos. Em 1938, em visita ao amigo Bertolt Brecht, que então vivia como exilado em Svendborg, Dinamarca, Walter Benjamin anota em seu diário íntimo “uma máxima brechtiana”: “não partir do antigo bom, mas do novo ruim”.

Assumindo essa proposição, ou seja, entre o distanciamento crítico e a aderência criativa, a revista *outra travessia*, do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, retoma suas publicações, após um interregno de dois anos. A nova equipe editorial que assume o periódico inicia seus trabalhos com as tarefas de ajudar na organização do pessimismo (como também propunha Benjamin) e de trazer ao público essas edições que, anteriores, foram, não obstante, recém organizadas. Serão três números, relativos aos anos de 2018 (segundo semestre) e 2019 (primeiro e segundo semestres). Um quarto número, em breve, atualizará a revista, trazendo aos leitores a edição referente ao primeiro semestre de 2020. Valha a provocação ou o programa: parece inevitável constatar que, apesar dos rigores cronológicos, as artes operam, com efeito, sempre entre-tempos.

No presente número, apresentamos artigos que responderam a uma chamada aberta (não temática). Desse modo, prevalece a heterogeneidade dos tópicos e das abordagens. Abrem esta edição dois artigos sobre teatro; em “Édipo, tirania e verdade”, Alberto Pucheu investiga, na cena de Édipo com Tirésias, o duplo paradigma do modo de pensar a verdade, “um a ser evitado, o de Édipo; outro, a ser seguido, o de Tirésias”. Já em “Nelson Rodrigues e o melodrama no teatro contemporâneo”, Carolina Montebelo Barcelos analisa como a companhia teatral carioca Fodidos Privilegiados usa recursos como música, mímica facial e corporal, gestos grandes e voz exacerbada para intensificar características melodramáticas do folhetim *Escravas do amor*, de Nelson Rodrigues.

A prosa ficcional é focalizada no artigo “Da utopia à distopia”, em que Cláudio Marcos Veloso Júnior estabelece relações entre narrativas utópicas e distópicas e aspectos culturais e sócio-históricos. Em perspectiva interdisciplinar, Deborah Walter de Moura Castro, em “Leituras ao redor do silêncio”, propõe um olhar agudo para o papel da literatura, das artes e das mídias, a partir da ênfase na vulnerabilidade da palavra e do sentido inscritas na obra do artista e poeta belga Marcel Broodthaers. Através de uma análise comparativa entre artes visuais e literatura, Fabricia Wallace Rodrigues, em “Memória, imagens e palavras”, estuda a tela *A memória*, de René Magrite, para relacioná-la a teorias da memória.

Relativizando tanto o caráter naturalista quanto os influxos da poética gótica presentes

na prosa de Aluísio Azevedo, em “As heroínas históricas e vampíricas de Aluísio Azevedo”, Hélder Brinate Castro estuda as personagens femininas, comumente consideradas históricas, do conto “Músculos e nervos” e do romance *O homem*. Partindo de três ensaios de Ricardo Piglia, Joaquín Correa, em “Crise e vanguarda”, analisa *Arturo* e *Madí*, duas revistas do invencionismo concreto argentino, com foco no estudo das configurações da vanguarda periférica.

As relações entre memória individual e coletiva no romance *Minha casa é onde estou*, de Igiaba Scego, são estudadas em “A casa que levamos em nós”, de Silvana Maria Pantoja dos Santos e Milayne Christina Barros do Nascimento. Fecha este número o ensaio “Francisco Toledo, seus inícios”, traduzido por Vanessa Daniele de Moraes, no qual Carlos Andrés Molina Posadas propõe abrir possíveis diálogos apresentando doze apontamentos temáticos sobre o início da obra gráfica de Francisco Toledo.

De nossa parte, apostamos no que irrompe e trabalha à revelia da escuridão que nos cerca, agradecendo a todas as colaboradoras e todos os colaboradores por seus textos, por suas generosas contribuições a esta publicação. Preparar, editar e publicar esses trabalhos foi nossa maneira de organizar o pessimismo. *outra travessia* tem a alegria de compartilhar esse conjunto de escrituras, para assim manifestar sua disposição à escuta dessas vozes que, num momento de agressiva privatização do conhecimento e de seus produtos, insistem no uso universal, livre e público da razão.

A equipe editorial